

NOTA de ABERTURA

Victor Jabouille

Ao defenderem uma filiação clássica da cultura ocidental, os cultores do Grego e do Latim ilustram, simultaneamente, através de explícito pessimismo, fatalismo e providencialismo, a outra raiz profunda, a judaico-cristã. De facto, os classicistas lamentam, com demasiada frequência, isolados ou em grupo, o estado a que chegaram o conhecimento e o estudo das línguas (e das culturas) clássicas, responsabilizando por tal situação o progresso, a tecnologia, a perda de valores espirituais e o primado dos valores materiais, etc., etc. A ultrapassagem desta situação – isto é, a solução mecânica que vai repor as línguas clássicas no seu lugar central – é, talvez, a revelação de uma verdade universal: a entrada no III milénio depende do conhecimento do latim e do grego e das culturas respectivas ("... só generalidades...").

Com uma argumentação masoquista e isenta de soluções práticas, realistas e actuais, não serão precisamente os classicistas quem delineou o caminho que conduz à auto-aniquilação? Assim, a fuga dos jovens ao contacto com a língua e os valores clássicos pode ser, por hipótese académica, uma intervenção da *Nemesis*, isto é, o castigo dos deuses pelo mau trabalho que alguns professores têm realizado. Não basta verificar que, como matéria curricular do ensino secundário, por exemplo, o Grego e o Latim não são procurados – congratulando-nos, simultaneamente, com esse facto criador de "otimização pedagógica" (o que não seria verdade se os alunos aprendessem, de facto, latim ou grego que se visse...).

A superação de complexos arcaizantes resulta, normalmente (e não apenas entre nós), na mera actualização do vocabulário pedagógico ou no recurso a expressões pretensamente "avançadas" (somos, também, *hominés noui...*). Falamos na compreensão do homem total contemporâneo através dos "valores" latinos, por exemplo, e, por isso, continuamos a fundamentar o ensino da língua em *textos forjados* e em Lhõmond, que,

VI Nota de Abertura

tanto quanto sei, não era Lhomondus nem contemporâneo de Cícero ou de Sêneca e, portanto – pormenor insignificante –, também não era falante nativo da língua...

CLASSICA nunca se afirmou uma revista periódica; a sua elaboração está condicionada por numerosos factores. O espaço dilatado que medeia entre este número e o anterior é consequência desses factores e, por outro lado, também da consciência da responsabilidade interventiva da revista. Num momento em que se discutem novos programas para o ensino secundário e experimentam novos processos de formação de professores (o que deverá ter uma implicação na formação de formadores e no processo de ensino-aprendizagem em geral...), a direcção de **CLASSICA** concentrou os seus esforços na publicação de **RELIGANDUM** de Cristina de Sousa Pimentel. **RELIGANDUM** não é, ainda, um livro-método nem um manual. É uma base para ser explorada pelos professores de Latim, um conjunto de propostas e sugestões a aguardar desenvolvimento, crítica e sistematização aplicada: um primeiro livro do professor. Os ecos quase unânimes de aprovação que nos têm chegado, do país e do estrangeiro, confirmam a justeza da opção metodológica e editorial.

O presente número de **CLASSICA** retoma a temática tradicional, dando especial atenção ao estudo da epopeia. Assim, publicam-se três trabalhos complementares sobre a problemática do *aedo* nos **Poemas Homéricos**, realizados, durante a licenciatura, por três Mestrandos em Estudos Clássicos (Ana Alexandra Alves de Sousa, Frederico Lourenço e Paulo Farmhouse Alberto). São expressão de um momento singular da sua formação, mas nem por isso menos importantes como investigação. O estudo da *Eneida* regressa às páginas de **CLASSICA** com artigos de Joaquim Mendes de Castro e João Beato. Maria do Céu Novais de Faria prossegue a aplicação de técnicas contemporâneas de análise literária a textos latinos e eu próprio desenvolvo um tema de mitologia comparada. Finalmente, a problemática das línguas clássicas e a situação do seu estudo são temas abordados por Cristina de Sousa Pimentel e Aires Augusto Nascimento.

Ilustrando todas as tendências científicas, metodológicas e pedagógicas, **CLASSICA** procura contribuir para manter vivo o estudo das línguas e culturas clássicas e, também, para que este exercício seja activo e não um simples contemplar unidimensional. O gozo que decorre do convívio com a cultura clássica deve ser partilhado em larga escala e não apenas cultivado em núcleos cada vez mais limitados e inacessíveis. Não basta

falar na influência de "Homero" em Joyce; é preciso ler a *Odisseia* e o *Ulysses*. Já falámos demais; é tempo de voltar a agir.

Ora, parece-nos, o ensino secundário terá nesta acção um papel essencial. Se tem sido possível criar o gosto pelo Latim, pelo Grego e pela Cultura Clássica em muitos estudantes universitários (veja-se a experiência positiva das Universidades de Lisboa, Coimbra e Porto), parece-nos que, sem ser acto falhado, tal acção é tardia, pois o seu tempo exacto de realização é anterior.

Num momento em que se preparam e discutem os novos programas para o ensino secundário, também nós gostaríamos de ter sido consultados e promover um amplo e público debate nacional. Talvez fossemos capazes de convencer mais pessoas do interesse destas matérias; talvez alguns dos "classicistas" acreditassem nos argumentos e assumissem a validade dos seus actos...

Nil noui sub sole...